

# CAMINHANDO COM MALU: EXPERIÊNCIAS IMAGÉTICAS E POÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

## WALKING WITH MALU: IMAGERY AND POETIC EXPERIENCES IN RESEARCH WITH CHILDREN

Andréia Regina de Oliveira 1

Suzana Marcolino 2

Fernanda Cristina de Souza 3

**Resumo:** Trata-se de um devir-artigo, no sentido de não querer imitar, trazer modelos e verdades ou lugares fixos de partida e chegada: é uma abertura às inúmeras possibilidades de estar e pesquisar com as crianças. Assim, é uma forma possível de pensar a infância e as experiências com as crianças buscando ler, escutar, olhar, sentir, com os olhos, bocas, ouvidos, braços, mãos - com o corpo todo bem aberto - na busca constante e incessante à novidade e ao encantamento. Por meio de uma composição poética, estética e imagética, buscaremos trilhar caminhos aforísticos para pensar as crianças, a infância e a deficiência. Assim, pensa-se em construir novos saberes e fazeres sobre e com a infância e as crianças. Com as imagens produzidas por Malu, somos convidados a adentrar lugares, espaços e tempos outros que nos colocam em movimento, em devir, em abertura, em busca por descobertas, curiosidades, novidades, muito mais do que de certezas.

**Palavras-chave:** Criança. Infância. Experiências imagéticas. Deficiência.

**Abstract:** It is a devir-article, in the sense of not wanting to imitate, bring models and truths or fixed places of departure and arrival: it is an opening to the countless possibilities of being and researching with children. It seems to us a possible way of thinking about childhood and experiences with children seeking to read, listen, look, feel, with eyes, mouths, ears, arms, hands - with the whole body wide open - in constant and incessant search for novelty and enchantment. Through a poetic, aesthetic and imagery composition, we will seek to walk aphoristic paths to think about children, childhood and disability. Retentive, we think and build new knowledge and do about and with childhood and children. With the images produced by Malu, we are invited to enter places, spaces and other times that put us in motion, in coming, in opening, in search of discoveries, curiosities, novelties, much more than certainties.

**Keywords:** Child. Childhood. Imaging experiences. Disability.

---

Graduada em Pedagogia (UNESP), Mestre em Educação 1  
(UNICAMP), Doutora em Educação (UNESP, Rio Claro). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0936098182171676>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>.  
E-mail: [acamargo13@unifesp.br](mailto:acamargo13@unifesp.br).

Graduada em Psicologia (UNESP, Bauru), Mestre em Educação 2  
(PUC-SP), Doutora e Pós-doutora em Educação (UNESP, Marília). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4235351112811483>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6757-2375>. E-mail: [suzana.marcolino@cedu.ufal.br](mailto:suzana.marcolino@cedu.ufal.br)

Graduada em Pedagogia (UNISO), Mestre e Doutora em Educação 3  
(USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6201844080308330>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8581-4895>. E-mail: [fernandasouzaisp@gmail.com](mailto:fernandasouzaisp@gmail.com).



**Aberturas**

Infâncias brincantes  
dançantes  
estonteantes

Infâncias coletivas  
imaginativas  
criativas

Infâncias da leveza  
da experiência  
da potência

Infâncias ociosas  
proibidas  
sujas

Infâncias etárias  
pulsantes  
intrigantes

Infâncias molhadas  
melecadas  
agitadas

Infâncias pensantes  
desafiantes  
envolventes

Infâncias ação  
imitação  
inspiração

Infâncias públicas  
políticas  
provocativas

Infâncias ausentes  
presentes  
persistentes

Infâncias do afeto  
do toque  
do sensível

Infâncias imagéticas  
poéticas  
mobilizantes

Infâncias vertigem  
tempos  
fronteiras

Infâncias expressivas  
produtivas  
inventivas

Infâncias tecnológicas  
históricas  
teóricas

Infâncias criação  
invenção  
transformação



Pensar a infância, a criança e a deficiência na pesquisa é adentrar em tempos e espaços outros que fogem dos modelos instituídos. É aventurar-se e respeitar outras lógicas de ser e estar no mundo. É se colocar em movimento e abertura constante. É saber que a única certeza é a incerteza. É se colocar a caminhar ao lado, sempre com...

O presente artigo busca compartilhar novas possibilidades de fazer e estar na pesquisa com crianças, deixando emergir experiências imagéticas e poéticas em diálogo com a filosofia da diferença, os estudos da infância e a perspectiva social da deficiência.

Numa tentativa de não representar, buscaremos apresentar a infância e a criança por meio das imagens produzidas pela criança Malu,

... imagens abertas aos sentidos, aos sensíveis, uma imagem linguagem das coisas, uma imagem fronteira, uma imagem vizinha, partida e compartilhada nas vizinhanças, nas fronteiras, uma imagem que recorta a vizinhança, que rompe as fronteiras, uma imagem que não representa a infância, mas apresenta a infância, a criança (LEITE, 2011, p. 131).

Apresentar para pensar a infância, a criança e a deficiência, para mobilizar novas formas de pesquisar, para provocar o instituído, para adentrar novas possibilidades de estar com...

...as imagens produzidas pelas mãos  
e “olhares” atentos da Malu,  
me parecem um clamor,  
uma forma de nos colocar numa relação  
de escuta das vozes/imagens  
que ecoam no cotidiano,  
uma possibilidade de aguçar  
e inverter os sentidos,  
de nos atormentar a visão,  
o olfato,  
o tato,  
o paladar..  
(CAMARGO, 2019)



A palavra infância, do latim *infante*, nos remete àquele “[...] que não fala; incapaz de falar, sem eloquência; ainda incapaz de falar, muito criança; substantivamente de criancinha; de criança, infantil”. Do latim *intantia*, infância também está relacionada a “[...] incapacidade de falar; infância, pouca idade; os primeiros tempos de vida dos animais e das plantas; as crianças, a mocidade” (MACHADO, 1967, p. 1225).

Há tempos concebeu-se a infância como um momento da vida em que seres humanos, com pouca idade, são incapazes de falar por serem considerados inacabados. Dessa forma, o entendimento do ‘ser criança’ pautou-se numa perspectiva de ausência e falta, demarcadas em idades cronológicas e instituídas em espaços que se configuraram para o controle das infâncias (CAMARGO, 2019).

Considerando que o ser humano é um ser histórico e que a experiência e a infância “[...] são condições básicas, fundadoras, transcendentais, porque não há humanidade (condição de ser humano) sem elas, não há sujeitos que possa falar (ou ser falado) sem elas [...]”, falamos e somos falados submergidos num contexto, numa história e, conseqüentemente, somos todos infantes, pois não falamos tudo, não pensamos tudo, nem sabemos tudo, sendo que a “[...] ‘nossa’ história está inacabada. A experiência está aberta. Nessa mesma medida somos seres de linguagem, de história, de experiência. E de infância.” (KOHAN, 2005, p. 243, 247).

Agamben desmistifica a ideia de uma infância pré-linguística, pois, para ele “[...] a infância encontra o seu lugar lógico em uma exposição da relação entre experiência e linguagem” (AGAMBEN, 2005, p. 11).

Segundo o autor, estamos sempre aprendendo a falar e a ser falados, sendo que a ausência de voz torna-se condição e não uma falta do ser humano. Nossa experiência (infância) da e na linguagem nunca acaba, pois é condição, sentido, ambiente da existência humana.

Assim, quando a infância é amiga da experiência, longe de ser uma fase a ser superada, ela se torna uma situação a ser estabelecida, atendida, alimentada, sem importar a idade da experiência (KOHAN, 2005).

Cohn (2013) nos provoca a pensar sobre a necessidade de que as pesquisas em torno dos estudos das crianças e da infância explicitem as concepções pelas quais são fundamentadas. Para a autora, “[...] a concepção de infância informa (sempre) as ações voltadas às crianças [...] as crianças atuam desde este lugar, seja para ocupá-lo, seja para expandi-lo, ou negá-lo. É a partir dele que agem, é contra ele que agem [...]” (COHN, 2013, p. 241).

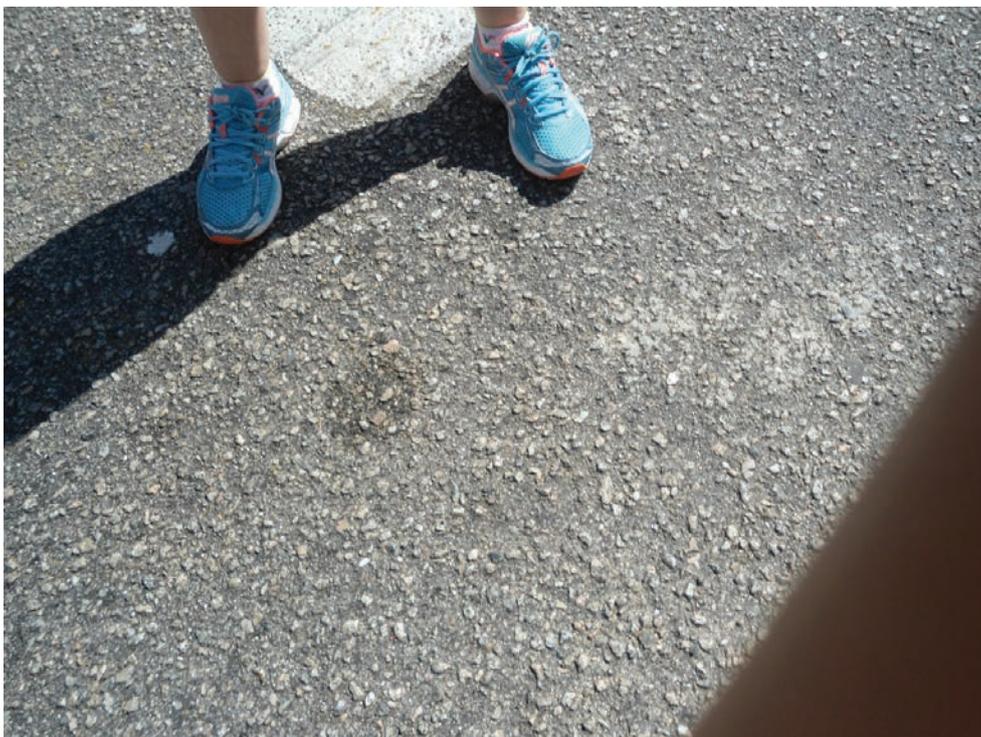
Abramowicz (2011) contribui com os estudos da infância e destaca que a sociologia da infância trouxe novas possibilidades para pensar a criança, superando paradigmas teóricos hegemônicos - como o da psicologia, por exemplo. Assim, provoca um movimento de reconceitualização da primeira infância, emergindo novas e outras perspectivas sobre as crianças, rompendo com posicionamentos adultocêntricos e colonialistas.

A infância passa a ser vista como categoria social, historicamente determinada e constituída pelas crianças, sem deixar de levar em conta as forças macroestruturais que influenciam seus modos de vida (ABRAMOWICZ, 2011). Dessa forma, não se ignora os aspectos de heterogeneidade que determinam as variações nas condições em que as crianças vivem suas infâncias (SARMENTO; PINTO, 1997).

Esse modo de conceber a infância influenciou a elaboração de alguns dos documentos orientadores da política de Educação Infantil. Desse modo, ressaltamos que a concepção de crianças expressa no documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009) dialoga diretamente com os estudos da infância, ao concebê-la como sujeito histórico, de direitos que, por meio das interações coletivas, narra, brinca, imagina, fantasia e produz cultura.

Isso significa encadear esse modo de olhar as crianças em contextos de Educação Infantil, com os princípios éticos, políticos e estéticos, que devem pautar as práticas pedagógicas na primeira etapa da educação básica. Na presente proposta, daremos ênfase aos aspectos “[...] da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”, tal como propostos pelas DCNEI (BRASIL, 2009, p. 16).

Articulada a essa forma de entender a criança, a criatividade e imaginação, *invencionices* são tomadas como importantes para compreender suas lógicas e temporalidades próprias, dar visibilidade e oportunidade à escuta nas práticas e pesquisas realizadas com elas, a repensar sua posição na produção de conhecimento sobre as crianças e as infâncias (CAMARGO, 2019).



“Mas eu estava a pensar em achadouros da infância...”

(BARROS, 2013, p.13)

Os achadouros podem ser um convite, ou até mesmo a necessidade de uma restauração da infância, por meio da criação de situações propícias à experiência, apostando pela não hierarquia e pela não representatividade da infância em qualquer nível: a infância representa a si própria. Trata-se de uma aposta pela transformação, pelo não conformismo, pela recusa de um vir a ser antecipado e previsto pelo pensamento hierárquico e autoritário (KOHAN, 2005).

Recuperar a infância significa “[...] afirmar a experiência, a novidade, a diferença, o não-determinado, o não-previsto e imprevisível, o impensado e impensável; um devir-criança singular que busca encontros e resiste aos agenciamentos [...]” (DELEUZE, *apud* KOHAN, 2005, p. 253).

Assim, busca-se o devir-criança, que se instala e nos instala no distanciamento a tudo que nos conduz a um único destino. Instalam-se as resistências, as imposições e imobilizações verticais dos adultos, buscando sair das fixações e territorialidades, na elaboração de estratégias, de linhas de fuga que tornem possível a criação, o surgimento do novo (SCHÉRER, 2009).

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta ‘o que você devém?’ é particularmente estúpida. Pois a medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio (ZOURABICHVILI, 2004, p. 24)

Esse texto como um devir-artigo: uma possibilidade de pensar a infância por meio de experiências imagéticas e poéticas, nas quais possamos ler, escutar, olhar, sentir... com os olhos, bocas, ouvidos, braços, mãos, com o corpo todo bem aberto, na busca constante e incessante à novidade, ao encantamento, à experiência, à infância e às crianças.

A tarefa parece ser a de ir ao encontro da infância do mundo e restaurá-la. Buscar propiciar relações ‘infantis’ com os outros e com o mundo (KOHAN, 2005, p. 254).

Hoje, festinha junina interna para as crianças, me arrisquei e solicitei à Malu que fotografasse a festa pra mim, pois teria que ir a uma reunião. Ela topou na hora! Pediu para “ver” a máquina fotográfica e perguntou como fazia. Deixei-a explorar/sentir o equipamento e solicitei o acompanhamento, sem intervenção, da auxiliar de educação e também da cuidadora que auxilia diariamente as crianças com necessidades especiais. Infelizmente não pude acompanhar o momento, mas foi uma primeira experiência, para mim e para a Malu. Em uma conversa rápida com a cuidadora, após a festa, ela relatou que a Malu adorou ficar fotografando, que chamava os amigos, dizia para eles “-sorria!”, chamava as educadoras... Perguntei se ela tirou sozinha as fotos e a cuidadora disse que sim, com algumas dicas: “- mais pra direita, abaixa, ergue um pouco...”, mas que teve momentos que ela dizia que queria tirar sozinha. Ela não largou a máquina em nenhum momento, pois disse que era a fotógrafa da festa. As fotos nomeadas “Malu” e “Malu8” a cuidadora relatou que disse a ela que o dedo estava na lente e a Malu respondeu: “- Mas eu tô sentindo a foto!” (talvez, pelo movimento do visor). Onze fotos foram tiradas com “intervenções” verbais da cuidadora e vinte e quatro tiradas pela Malu, sozinha. No final da festa a Malu pediu para “ver” as fotos. A cuidadora se desestabilizou no primeiro momento e depois combinou que iria revelar as fotos e perfurá-las para ela sentir/ver as fotos. O que “ver” a partir do olhar fotográfico de uma criança cega? (CAMARGO, 2019).



**“Mas eu tô sentindo a foto!”**

Quem anda nos trilhos é trem de ferro,  
Sou água que corre entre as pedras:  
Liberdade caça jeito.  
(BARROS, 2013)

Fazer pesquisa com crianças  
É deslocar-se dos trilhos, das formas dadas de pensar...  
É caçar um modo outro de pesquisar...  
É colocar-se no entre das coisas, correr no entre das pedras,  
se permitir  
misturar-se entre elas...  
É colocar-se a caminhar, sem destino...  
É se constituir no caminho, nos encontros estabelecidos...  
Pesquisa tateante, brincante...  
Pesquisa imagética e poética.  
(CAMARGO, 2019)

**Vamos caminhar com Malu?**

Fazer pesquisa com crianças é experimentar as revelações inusitadas do percurso. É não ter a certeza do lugar de destino.

A caminhada com a Malu<sup>1</sup> nos possibilita pisar fora dos trilhos, ao mesmo tempo em que provoca o nosso olhar à transver o mundo.

---

<sup>1</sup> Malu é como chamamos a criança nascida com deficiência visual, matriculada aos seis meses de vida num centro de Educação Infantil localizado num município paulista, cujas imagens produzidas compuseram a pesquisa de Camargo (2019).

A potência da Malu se revela no cotidiano da Educação Infantil, mas também fora dele: na interação com seus pares; mediante as brincadeiras vivenciadas; através de sua manifestação livre, por meio de diversas linguagens ou, ainda, nos encontros entre adultos e crianças, possibilitados pelas diversas experiências.

Malu é criança que brinca, narra, fantasia, imagina, interage, pula, corre, dança, produz cultura e imagens. As fotografias da menina com deficiência visual apontam para outras formas de sentir o mundo. Colocam em xeque os modos de pensar a infância, as crianças e a deficiência, na cidade, sobretudo nos contextos de Educação Infantil.

A deficiência entendida em sua dimensão histórica e social que não impõe limitações aos sujeitos. Segundo o modelo social, a deficiência pode ser compreendido como aquilo que está na sociedade, uma vez que essa impõe barreiras às pessoas, em detrimento de um modelo baseado pela lógica médica, que se pauta nos aspectos fisiológicos do corpo doente, que deve ser restaurado à condição de anormalidade (BISOL, PEGORINI; VALENTINI, 2017).

Desse modo, a Educação Infantil pode ser um espaço potencializador das produções e manifestações das crianças com deficiência. Os saberes que circulam na primeira etapa da educação básica podem constituir-se como situações favorecedoras de uma imensidão de experiências para as crianças de zero a seis anos, sem perder de vista que os modos como elas vivem a infância são impactados pelas condições históricas, de classe social, econômica, de raça, de gênero, de etnia, de cultura, de localização geográfica, de sexualidade, bem como marcada pela deficiência e outras condições (SOUZA, 2018).

Reconhecer a ação social das crianças com deficiência em espaços de Educação Infantil inclusivos se constitui como ponto central na organização de ambientes favorecedores de interações positivas entre crianças e adultos. Acreditamos que as brincadeiras, as interações, a exploração de objetos, possibilidades da criação e da imaginação, proporcionados nos contextos da primeira etapa da Educação Básica são elementos fundamentais para a eliminação de barreiras na interação com a deficiência.

As imagens produzidas pela Malu são, ao mesmo tempo, caminhos, novos horizontes, novas formas de olhar, de sentir, de brincar e de interagir.



A gente não gostava de explicar as imagens  
porque explicar afasta as falas da imaginação.  
A gente gostava dos sentidos desarticulados  
como a conversa de passarinhos no chão  
a comer pedaços de mosca.  
Certas visões não significavam nada  
mas eram passeios verbais.  
A gente sempre queria dar braço às borboletas.  
A gente gostava bem das vadiagens com as palavras  
do que das prisões gramaticais.  
Quando o menino disse que queria passar  
para as palavras suas peraltagens  
até os caracóis apoiaram.  
A gente se encostava na tarde como se  
a tarde fosse um poste.  
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam  
os sentidos normais da fala.  
Esses meninos faziam parte do arrebol  
como os passarinhos.  
Manoel de Barros (2013)

### **O que podem as imagens de Malu?**

É preciso, como sugere Malu, apreciar as imagens, sentir as fotos. O texto poético é complementar das imagens. As imagens dizem por elas.

A potência das imagens é como “escutar a cor dos passarinhos” (BARROS, 2013), ou seja, possibilita apreciar infâncias e crianças no sentido de sentir... Imagens evocam memórias, sensações, desejos... talvez ideias, pensamentos, conceitos? Relações entre conceitos? Talvez....

As imagens exigem escuta, no sentido metafórico de olhar, compreender, sentir...

Nós estamos aprendendo ainda a escutar as crianças. As crianças nos auxiliam. Mostram os caminhos da superação. Do ir além. Abrem as portas, as janelas. Insistentemente nos surpreendem: tiram tudo do lugar e redimensionam tudo, criando uma nova harmonia.

O adulto escuta. A criança também escuta, no sentido de vivenciar uma forma de se relacionar com o mundo, com as coisas. Mais uma vez o poeta e a criança nos provocam a pensar de que é preciso “transver o mundo”<sup>2</sup>.

---

2 Fragmento do poema Livro sobre nada, de Manoel de Barros (2016).

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete; A pesquisa com crianças e infâncias e sociologia da da infância. In: FARRIA, Ana Lucia Goulart de; FINCO, Daniela. *Sociologia da Infancia no Brasil*, Campinas: Autores Associados., 2011

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BARROS, Manoel. **Biblioteca Manoel de Barros**. Alfragide – Portugal: Leya, 2013.

BISOL, Cláudia Alquati; PEGORI, Nicole Naji; VALENTINI; Carla Beatris. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. 1, jan./abr. 2017.

CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. **Foto-grafando infâncias**: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil. Tese (Doutorado em Educação - IBRC)-Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2019.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio/ago. 2013.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.  
LEITE, César Donizetti Pereira Leite. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1967.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (Org.) **As crianças**: contextos e identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SCHÉRER, René. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como fenómeno social”. **Pró-posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, jan./abr. 2011.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: IC, 2004.

Recebido em 9 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.

